



QUEM DETERMINA QUEM? TENSÕES EPISTEMOLÓGICAS ENTRE AS TEORIAS, OS MÉTODOS CIENTÍFICOS E OS OBJETOS DE PESQUISA

Silvana do Rosário Menino da Costa, Carlos Roberto Marinho da Costa II,

Centro Universitário Estácio do Recife-PE,

silvanamenino@hotmail.com, carlosrobertomar@hotmail.com

RESUMO

A academia na contemporaneidade tem se transformado num espaço privilegiado na produção do conhecimento, desenvolvendo uma forma particular de conhecer e desvelar a realidade. Este saber se diferencia dos outros, principalmente, em função da delimitação de um objeto de pesquisa/estudo, da eleição de uma perspectiva teórica e da adoção de um método. Ao longo dos anos tem-se percebido a existência de diversas escolas, com metodologias próprias e objetos de estudo diversos, obtendo alguns, maior ou menor evidência em determinados momentos da produção do conhecimento e muitas vezes coexistindo em um mesmo marco temporal. Considerando esta realidade plural, que, no entanto, muitas vezes se organiza de forma engessada, no que concerne ao atrelamento quase que necessário entre teorias, objetos e métodos, este artigo buscou problematizar as seguintes questões: a eleição do método científico deve preceder a delimitação do objeto de estudo, ou o objeto de estudo deve definir o método científico? A constituição do método científico está necessariamente imbricada à teoria adotada pelo/a pesquisador/a? Inserida no terreno das ciências sociais e de cunho teórico, este artigo, esteve metodologicamente assentado em uma pesquisa bibliográfica, e teoricamente valeu-se da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2012). Os caminhos percorridos apontam que a eleição de um método de estudo deve vir atrelado às necessidades do objeto pelo qual se está investigando, considerando suas especificidades e limitações. Logo, o método pode ser considerado adequado e “bom” se for exequível, se permitir ao objeto de estudo ser problematizado e uma pertinente construção dos dados, além de possibilitar a reflexão da teoria, oferecendo instrumentos teóricos para a análise a que os pesquisadores se propõem (MINAYO e SANCHES, 1993). A teoria mesmo demarcando nitidamente uma perspectiva de sujeito e sociedade deve abrir espaço para novas descobertas permitindo-se enveredar por metodologias diferenciadas, que muitas vezes, contribuem para o enriquecimento da ciência, do indivíduo e da coletividade.

Palavras-chave: Método; Pesquisa; Objeto de estudo.



ABSTRACT

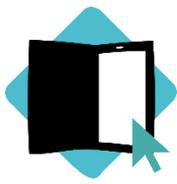
The academy in the contemporary world has become a privileged space in the production of knowledge, developing a particular way of knowing and revealing reality. This knowledge differs from others, mainly due to the delimitation of a research / study object, the choice of a theoretical perspective and the adoption of a method. Over the years it has been perceived the existence of several schools, with their own methodologies and diverse objects of study, occupying some, more or less evidence at certain moments of knowledge production and often coexisting within the same time frame. Considering this plural reality, which, however, is often organized in an inescapable way, as regards the almost necessary link between theories, objects and methods, this article sought to problematize the following questions: the choice of the scientific method must precede the delimitation Of the object of study, or should the object of study define the scientific method? Is the constitution of the scientific method necessarily imbricated to the theory adopted by the researcher? Inserted in the field of social sciences and theoretical, this article, was methodologically based on a bibliographical research, and theoretically used the Theory of Social Representations of Serge Moscovici (2012). The paths followed indicate that the choice of a method of study must be linked to the needs of the object under investigation, considering its specificities and limitations. Therefore, the method can be considered adequate and "good" if it is feasible, if the object of study can be problematized and a pertinent construction of the data, besides allowing the reflection of the theory, offering theoretical instruments for the analysis to which the researchers Proposed (MINAYO and SANCHES, 1993). The theory, even demarcating clearly a perspective of subject and society, must open space for new discoveries, allowing itself to be guided by differentiated methodologies that often contribute to the enrichment of science, the individual and the collectivity.

Keywords: Method; Search; Study object.

1. INTRODUÇÃO

O processo de produção do conhecimento científico, na esquadrinha do desvelamento da realidade, está envolto em um campo de complexidades, permeado por ações políticas, sociais, econômicas e históricas. Destarte, a ação da pesquisa num dado momento histórico, marcado por um modo de produção e uma forma de sociabilidade específica, não ocorre de forma neutra, mas sofre influências da organização social, ao mesmo tempo em que possui um potencial de interferência na realidade.

Na história da psicologia, pode-se assistir o surgimento de diferentes métodos que foram se desenvolvendo junto a grandes teorias, constituindo um grande *corpus* que hoje integra a denominada psicologia moderna. É relevante frisar que estas perspectivas teóricas encontraram frestas para os seus surgimentos em função das demandas sociais, dos interesses dos pesquisadores e das realidades vivenciadas nos respectivos momentos históricos. Freud através de sua prática clínica desenvolveu o método do estudo de caso (FREUD; BREUER, 1983) que ao longo de sua trajetória passou de um simples entendimento de particularidades – estudo de caso intrínseco – para a compreensão de fenômenos pertencentes a uma esfera mais geral - estudo de caso instrumental (ALVES-MAZZOTTI, 2006) resultando na fecunda teoria da psicanálise. Outras perspectivas



como o Behaviorismo e o Estruturalismo, por sua vez, privilegiaram o método experimental, buscando afastar-se de forma veemente dos vieses que poderiam incorrer por meio do uso da perspectiva qualitativa, elegendo como objetos de estudo elementos objetivamente observáveis e generalizáveis (POUPART, 2012).

A etologia, uma perspectiva interacionista, enxerga o comportamento humano “como produto e instrumento do processo de evolução de seleção natural” (CARVALHO, 1988, p.2) visão diferente da perspectiva psicanalítica, com enfoque mais biológico, que encara o ser humano como o sujeito do inconsciente, ou seja, guiado por forças que desconhece e que, portanto lhe escapam o controle. Estas lentes por sua vez, guiarão a forma de acessar os objetos de pesquisa, que no caso da Etologia está mais interligada ao método experimental, enquanto que na psicanálise foi privilegiado o método mais qualitativo do estudo de caso (BREUER; FREUD, 1893).

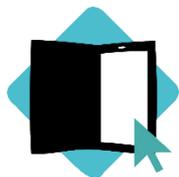
Em função da adoção de uma teoria, que declara um posicionamento no mundo, muitos pesquisadores ao construírem suas pesquisas têm optado por métodos específicos, antes mesmo de elegerem os objetos de estudo. Prática considerada acrítica, na medida em que desconsidera as necessidades do objeto de pesquisa em questão. Nesta jornada muitos métodos têm sido interpretados e colocados como irreconciliáveis, e o olhar destoante do paradigma hegemônico acaba por ser alvo do que Lídio de Souza (2008) denominou como violência acadêmica que é “concretizada nas tentativas de minar a credibilidade de grupos, pessoas e correntes de pensamento através da utilização de caracterização primárias e artificiais” (SOUZA, 2008, p. 185). Esta realidade demonstra de forma contundente que nenhum saber é desinteressado e neutro, mas que resvala de uma visão de mundo, de escolhas e da forma com que o pesquisador elegeu para interagir, entender e transformar a realidade.

Não só no terreno das “Psicologias”, mas recorrentemente no solo das ciências sociais, os pesquisadores têm-se defrontado com a hierarquização dos métodos, especialmente o método quantitativo sobreposto ao método qualitativo, direcionando equivocadamente à escolha do método sem considerar a adequação do mesmo ao objeto de estudo, por ser considerado mais “científico”. Partindo do pressuposto que ambos os métodos são científicos e que os pesquisadores, em função das perspectivas teóricas que possuem, erram ao eleger um método próprio a priori, visto que tal prática pode incidir na deformação do objeto estudado, neste artigo buscar-se-á problematizar as seguintes questões: a eleição do método deve preceder a delimitação do objeto de estudo, ou deveria o objeto de estudo definir o método? A constituição do método está necessariamente imbricada à teoria adotada pelo/a pesquisador/a?

Este artigo, ao aspirar um olhar proeminentemente reflexivo sobre a prática da pesquisa, convida o leitor a repensar os processos de construção do conhecimento. O fazer científico deve ser antes de tudo ético, criativo e refletir a processualidade da história, dos seres humanos e dos objetos de estudo. Logo, fazer ciência, especialmente no campo das ciências sociais, é produzir um diálogo constante e fluido entre teoria, método e sociedade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Mirando os objetivos propostos, este artigo estará lastreado em uma pesquisa bibliográfica, que consiste em um apanhado, eletrônico e físico, das pesquisas e dados produzidos acerca do tema investigado. Conforme descrito por Vergara (2007, p.48) a pesquisa bibliográfica “fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de



pesquisa”, tornando-se fundamental em qualquer processo de investigação científica, já que a ciência é governada por uma perspectiva cumulativa do conhecimento.

De cunho teórico esta pesquisa teve interesse qualitativo, não buscando generalizar, universalizar, nem esgotar os achados. Visou apenas debruçar-se sobre os significados e características que envolvem o processo de eleição de um método, sem objetivar a produção de medidas quantitativas (RICHARDSON, 2015). Conforme Minayo e Sanches (1993, p. 247) a pesquisa qualitativa busca “aprofundar a complexidade dos fenômenos, fatos e processos particulares e específicos”, enquanto que a pesquisa quantitativa preocupa-se em “trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis”.

O arcabouço teórico utilizado assentou-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2012) que tem como objeto de estudo as teorias do senso comum, entendidas como saberes que produzem inteligibilidade sobre a realidade, ajudando-nos a interagir e atuar de forma satisfatória no mundo. Esta teoria foi gestada na década de 50-60 do século XX quando o referido autor produziu sua tese: *A psicanálise sua imagem e seu público*, (MOSCOVICI, 2012b) introduzindo uma nova lógica de pensar o ser humano e sua inserção e integração em sociedade. No campo da psicologia social, a teoria das representações sociais cumpriu um papel político e crítico ao distanciar-se das raízes positivistas do fazer científico da época, à medida que concebeu o ser humano como edificado coletivamente, necessitando, desta feita, ser estudado e desvelado a partir das complexidades que esta afirmação comporta (FARR, 2013). Atualmente a teoria possui três grandes abordagens, denominadas: Estrutural, Cultural e Societal. Todas possuem métodos distintos de elucidação do fenômeno das representações sociais.

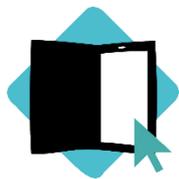
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Sobre o fazer científico: o objeto de pesquisa e o método

Os objetos de pesquisa emergem do cotidiano histórica e socialmente determinado; sob um olhar cuidadoso dos pesquisadores que se interpelam quanto ao universo social que envolve e determina o exercício de produção de conhecimento. Conforme sugere Lefebvre (1991, p.44) o pesquisador ao eleger e se debruçar sobre um objeto de estudo busca “revelar a riqueza escondida sob a aparente pobreza do cotidiano, descobrir a profundidade sobre a trivialidade, atingir o extraordinário do ordinário” e neste movimento caçar elementos para a transformação da realidade. Assim, o cotidiano do exercício heurístico, enquanto espaço de intervenção e de transformação do real, apresenta um amplo mosaico de possibilidades a partir das interconexões da realidade observada.

A lente que possibilita o acesso a estes recortes de realidade, nomeados como objeto de pesquisa, denunciam de qual sociedade e ser humano se está falando (FREIXO, 2011). Estas lentes que podemos denominar como teorias caminham lado a lado com o método de pesquisa, mas não numa relação necessária e imutável, como muitas vezes parece ocorrer. Este por sua vez, deverá ser determinado pelo conjunto de complexidades que envolvem o fazer ciência, tais como: a natureza do objeto estudado, os objetivos traçados na pesquisa, bem como a visão de mundo e de ser humano do pesquisador.

Na academia muita discussão gira em torno dos paradigmas da ciência, que de forma hegemônica foi construída sobre padrões positivistas, devendo ser neutra e



objetiva. Todavia, para as ciências sociais que tem como objeto de estudo a sociedade e o ser humano, objetos essencialmente mutáveis, é necessário problematizar este modelo de ciência que é posto como único e válido.

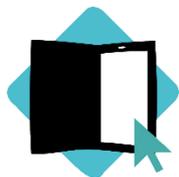
Em geral, no campo de produção de conhecimentos, destacam-se dois métodos de pesquisas tratados muitas vezes como dicotômicos e não dialogáveis: o método qualitativo e o método quantitativo de pesquisa. Enquanto o método qualitativo está interessado em compreender as motivações da atividade humana, que por sua vez é particular e circunscrita à inserção social e individual dos sujeitos, o método quantitativo, calcificado na perspectiva das ciências naturais, busca generalizar e a desvendar eventos regulares (FREIXO, 2011). Ambos conforme destaca Minayo e Sanches (2008) possuem potencialidades e limitações, não devendo algum deles ser considerado como suficiente, pois sempre irão produzir aproximações limitadas com a realidade, não esgotando-a; visto que a mesma é muito complexa não cabendo numa descrição de algum modelo de pesquisa.

No intuito de superar possíveis limitações de ambos os métodos, tem crescido a prática de triangulação metodológica, que consiste na utilização de métodos mistos, em que é feita uma combinação ou associação de métodos quantitativos e qualitativos (DUARTE, 2009) somando grandes benefícios à pesquisa (FALCÃO, 2000). Creswell (2010) afirma que essa combinação de técnicas “é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso de duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa” (2010, p. 27).

A rejeição a um método quali ou quanti, por vezes, tem se referido mais a um desconhecimento do método em si, na descrença de sua relevância, ou também na possibilidade de resposta adequada aos problemas propostos; do que de fato pela inadequação do mesmo na busca da resolução da problemática estudada (FALCÃO, 2000).

Durante muito tempo houve uma sobreposição do método quantitativo sobre o método qualitativo. Em muitas áreas seu uso é praticamente hegemônico, como no terreno das ciências naturais, assim como o uso do método qualitativo é privilegiado no campo das ciências sociais (MINAYO e SANCHES, 1993). De forma proeminente, o exercício da pesquisa, no âmbito das ciências humanas e sociais, lida com os significados das experiências humanas, visando compreender as dimensões simbólicas circunscritas à vida em sociedade, na explicação dos fenômenos sociais. Desta forma, em geral, trabalha com o método qualitativo. Contudo, isso não impede que a utilização do método quantitativo seja adotada, como também não descarta uma combinação de métodos, visto que tal prática poderia enriquecer a pesquisa, devendo sempre estar em evidência os objetivos da mesma e não a convicção do pesquisador em determinado método.

Se o objetivo da pesquisa se caracteriza pela busca do sentido das falas e das ações dos sujeitos para se chegar a uma compreensão de dada realidade e, desta forma, objetiva a explicação de um fato focalizando a atenção em questões particulares e desafiando as crenças convencionais sobre o mundo social e natural; é interessante se trabalhar com o método qualitativo (GOLDENBERG, 2004). A prática da pesquisa social caracteriza-se como um processo de reflexão sistemático da realidade observada, que transcende o entendimento imediato com um fim determinado e que fundamenta e instrumentaliza o profissional a desenvolver práticas significativas. Este processo de construção e reconstrução do conhecimento científico acumulado envolve um exercício constante de questionamento da realidade observada. Observa-se que os procedimentos



de pesquisa das ciências humanas e sociais possuem algumas distinções das ciências naturais, pois o pesquisador tem uma maior liberdade de questionamentos e de inferências. Conforme salienta May (2004),

as ciências sociais são mais complexas (e mais emocionantes) do que qualquer definição única de suas atividades poderia abranger: por exemplo, estão em franca disputa o que constitui uma “ciência”, a natureza dos seus métodos e os tipos de dados que a mesma deveria coletar (MAY, 2004, p. 22).

Não raras vezes concebe-se a ciência como um corpo coerente de pensamento acerca do qual se firma amplos consensos entre “cientistas”. No entanto, a história tratou de reelaborar tal concepção conservadora de ciência, trazendo a crise de paradigmas, ou melhor, a pluralidade de paradigmas que permitem criar consensos e dissensos, pois a realidade é dialética e mutável.

Assim, o exercício da ciência traz um campo de possibilidades, de objetos, lentes e métodos, no qual, conforme afirma o filósofo Leonardo Boff (1997), “todo ponto de vista é a vista de ponto” (BOFF, 1997, p. 48). Desta feita, as diversas concepções de mundo, expressos nas teorias e escolas filosóficas, os contextos e conjunturas históricas específicas que produzem objetos de estudo, e os métodos desenvolvidos, contribuem para o enriquecimento da ciência, do indivíduo e da coletividade. Daí, não existe a priori um método científico mais confiável do que o outro, antes mesmo de ser testado e verificado. Como descrito acima o método quantitativo buscará evidenciar realidades específicas, assim como o método qualitativo se debruçará sobre outros dados da realidade, não pertencendo nenhum dos métodos a campo algum da ciência. Sua utilização deve, antes de tudo, respeitar as motivações do pesquisador e natureza da pesquisa realizada.

3.2 Sobre a produção de conhecimento galgada numa perspectiva epistemológica: a Teoria das Representações Sociais

Gestada no interior da psicologia social, na interface com outros saberes, como a sociologia e a antropologia, a Teoria das Representações Sociais sob o paradigma de seu fundador Moscovici, parte do pressuposto que o ser humano é um ator social, intimamente imbricado nas transformações sociais, compreendido a partir de sua especificidade histórica e cultural (MOSCOVICI, 2012). Moscovici, compreendendo que a tarefa científica torna-se prejudicada quando limitada a um único paradigma, conforme explicitado por Salsburg (2009), dialoga com outras ciências e diferentes estratégias metodológicas e rompe com a prática hegemônica da psicologia social da metade do século XX. Moscovici vai criticar a ênfase dada ao comportamento e o desprezo aos processos mentais, enxergados como separados, no interior da psicologia social, e vai abarcar em suas análises as dimensões individual e social do sujeito, como indissociáveis.

Em sua expansão, a Teoria das Representações Sociais ramificou-se e consolidou-se em três grandes abordagens, e cada uma delas parece privilegiar um tipo de método; ligando-se mais ao viés qualitativo, encontra-se Moscovici e Jodelet com a abordagem cultural, e as outras duas, engendradas por Abrieu e Doise, abordagem estrutural e societal, respectivamente, privilegiam técnicas quantitativas. Conforme dito anteriormente, aparentemente estas perspectivas teóricas privilegiam um método específico, contudo, praticam o que se poderia nomear como um excursionismo



metodológico, visto que a priori, na maioria dos casos, não elegem seu método a ser trabalhado, mas em geral, buscam visualizar antes as vicissitudes do objeto de estudo delimitado.

No campo da teoria das representações sociais, que não é homogêneo e desfruta de diversas metodologias e perspectivas diferentes, a abordagem cultural atua com ênfase metodológica qualitativa e este olhar é justificado pelos objetivos que estão por trás desse viés. Caracteriza-se pelo estudo das representações sociais em seu meio natural e busca apreender estes saberes onde eles emanam de forma espontânea, sem interferir na sua dinâmica de manifestação (JODELET, 2001). Em geral, vale-se do método etnográfico e dos instrumentos da observação e entrevista. Para essa abordagem que não tem nenhuma pretensão de regularizar eventos, mas desvelar os significados construídos, estreitando-os ao espaço histórico e cultural, é mais adequado trabalhar com o método qualitativo. Contudo, também é possível trabalhar com o método experimental, nesta abordagem, através de um trabalho pluri-metodológico que possibilite a integração dos mesmos, se a pesquisa explorar em um primeiro momento “aspectos inerentes à atividade de quantificação, como a interconexão estreita com a categorização e a modelização” (FALCÃO, 2000, p. 230).

Acredita-se que para essa abordagem é possível executar um passeio nos métodos quali e quanti, assim como este diálogo é facilmente visualizado nas abordagens estrutural e societal. Desta feita, a eleição do método como destaca Almeida (2005) deve antes de tudo deixar explícito “seu engajamento teórico e deve permitir que as características do objeto investigado orientem a escolha das técnicas e métodos de pesquisa privilegiados para elucidá-lo” (ALMEIDA, 2005, p. 136) e não que a teoria assuma esse papel.

4. CONCLUSÕES

Ao realizar um estudo, cabe aos pesquisadores se questionarem: de que forma este objeto pode ser desnudado? Este método que estou habituado a trabalhar e manusear, mesmo que seja aceito de forma invariável no campo científico (quantitativo), é adequado para a elucidação e o alcance dos objetivos elencados? O método adotado permite a problematização da teoria utilizada?

Conforme debate levantado por Minayo e Sanches no artigo: *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade* (1993) acredita-se que ambos os métodos, quali e quanti, estão a serviço da construção do conhecimento e possuem valores singulares. Enquanto que o método quantitativo possibilita utilizar “grandes aglomerados de dados, de conjunto demográficos, por exemplo, classificando-os e tornando-os inteligíveis através de variáveis” o método qualitativo vai se debruçar sobre “hábitos, crenças, atitudes, opiniões” visando o entendimento da complexidade dos fenômenos sociais e humanos, privados e coletivos (MINAYO, SANCHES, 1993, p. 247). Desta forma, a eleição do método deve partir sempre das especificidades do objeto de estudo delimitado, em consonância com a perspectiva teórica e os objetivos da pesquisa. Lembrando que ambos podem ser utilizados em uma mesma pesquisa de forma combinada, via triangulação metodológica (DUARTE, 2009); respeitando sempre os objetivos da mesma.

O valor do método não está demarcado antes da realização da pesquisa, mas se dará na medida em que possibilitará a reflexividade da teoria e do material produzido, que permitirá a quebra de paradigmas e introduzirá a ideia de devir no fazer científico.



Conforme destacam Minayo e Sanches, “só quando os mesmos são utilizados dentro dos limites de suas especificidades é que podem dar uma contribuição efetiva para o conhecimento da realidade” (MINAYO, SANCHES, 1993, p. 239).

Da mesma forma, as lentes teóricas que adotamos para entender a realidade não definem de forma antecipada o método de estudo a ser utilizado. As teorias, fatos e saberes que conhecemos hoje apresentam uma concepção de sujeito, sociedade delimitada, podendo esta realidade transmutar-se significativamente no amanhã e a própria concepção da teoria se tornar obsoleta. Daí, nunca teremos a certeza de ter atingido a verdade, pois os métodos científicos só nos permitem aproximações, nunca o desvelamento total da realidade.

Estas questões nos levam a refletir sobre o quão é importante não privilegiar um método como suficiente ou previamente dado em função de uma teoria ou preferência do pesquisador, pois como enfatizado por Salsburg (2009, p.28) “a realidade é complicada demais e nunca pode ser completamente descrita por um modelo científico organizado”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela, M. O. A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In: SANTOS, Fátima, M. S; ALMEIDA, Leda, M. *Diálogos com a teoria da representação social*. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, Alda, J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de pesquisa*, v. 36, n. 129, p.637-651, set./dez. 2006.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria*. Volume II. 1893.

CARVALHO, Ana, M. A. Etologia e comportamento social. *Resumo de curso ministrado no IV Encontro Nacional de Psicologia Social – ABRAPSO/UFES – 1988*.

DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Rev. CIES e-Working Papers (ISSN) Lisboa, Portugal*. 2009

FALCÃO, Jorge, T. R; RÉGNIER, Jean-Claude. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. *R. bras. Est. Pedag.*, Brasília, v. 81, n. 198, p.229-243, maio/ago. 2000.

FARR, Robert. *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIXO, Manuel, J, V. *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Instituto Piaget, 2011.

GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JODELET, Denise. As representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.



MINAYO, Cecília (Org.); DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obra original publicada em 1961).

MOSCOVICI, Serge. Introducción: El campo de La psicologia social. In: MOSCOVICI, Serge (org.) *Psicologia social*. Barcelona,: Paidós, 1986.

SALSBURG, David. *Uma senhora toma chá...: como a estatística revolucionou a ciência do século XX*. Tradução: José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

SOUZA, Lídio. Alteridade, processos identitários e violência acadêmica. In: ROSA, Edinete, M; SOUZA, Lídio; AVELLAR, Luziane, Z (org.). *Psicologia social: temas em debate*. Vitória: UFES – ABRAPSO / GM Gráfica Editora, 2008.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativa: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; et all. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2012.

RICHARDSON, Roberto. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2015.

VERGARA, Sylvia. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2007.